RESUMO - PROTOZOOLOGIA E PATÓGENOS TRANSMITIDOS POR VETORES

OCORRÊNCIA DE SARCOCYSTIS SPP. EM SERPENTES DO ESTADO DA BAHIA

Taynar Lima Bezerra (taynar.vet@gmail.com)

Keterle Fiuza (keterlefiuza@hotmail.com)

Bianca Nunes De Souza (biancasouza02@gmail.com)

Waléria Borges Da Silva (waleriaborges@gmail.com)

Mateus Aguiar Cedro (cedro.am@gmail.com)

Luís Fernando Pita Gondim (pita@ufba.br)

No Brasil, existem poucos relatos de Sarcocystis spp. parasitando serpentes. Dentre as 26 espécies de Sarcocystis sp. conhecidas que infectam serpentes, apenas uma foi identificada no Brasil. Assim, o corrente estudo almejou detectar Sarcocystis spp. parasitando serpentes e classificá-los molecularmente. Avaliaram-se amostras de fezes e intestinos de 244 serpentes de, ao menos, 21 espécies diferentes. Os animais eram originados de distintos municípios do estado da Bahia, no entanto, estavam sob a guarda de três setores (clínica, criatório científico e serpentário) localizados em Salvador e

Feira de Santana. Inicialmente, as amostras de fezes eram submetidas ao processo de centrifugo-flutuação em solução de açúcar para a detecção do parasito. As amostras do raspado intestinal foram tratadas com hipoclorito de sódio a 2,5% e, posteriormente, submetidas à centrifugo-flutuação em solução de açúcar. Nas amostras positivas, foi empregada uma nested-PCR (ITS-1) e uma PCR convencional (18S rRNA e COX-1). As sequências obtidas foram analisadas no BLASTn e, em seguida, realizada a análise filogenética. A partir de uma serpente positiva apresentando esporocistos viáveis, realizou-se a tentativa de isolamento de Sarcocystis sp. em células VERO, e, adicionalmente, bioensaio em três ratos Wistar e três camundongos Balb/c. Esporocistos de Sarcocystis sp. foram visualizados em seis (2,45%) serpentes. De forma inédita, observou-se em duas serpentes um período de excreção de esporocistos extremamente longo, de ao menos dois anos. A análise molecular revelou a possível presença de pseudoparasitismo em duas amostras das serpentes positivas. Em uma outra, a infecção foi parcialmente descartada devido à ausência de evidências histológicas no intestino do animal, reduzindo a frequência de serpentes infectadas (1,22%). A sequência gênica da amostra de uma jiboia proveniente de Feira de Santana apresentou alta similaridade com outra sequência previamente isolada em Salvador em diferentes momentos. Os experimentos in vitro e in vivo não apresentaram resultados promissores nas condições empregadas. Apesar da baixa frequência de serpentes parasitadas, o tempo prolongado de excreção de esporocistos possibilita uma maior contaminação e disseminação ambiental. Os marcadores COX-1 e 18S rRNA foram essenciais para a identificação e a análise filogenética das amostras estudadas. O marcador ITS-1 apresentou resultados satisfatórios em parte das amostras, porém, são necessárias análises complementares, incluindo etapas de clonagem, para melhor caracterização dos isolados. Neste estudo, embora a presença de Sarcocystis spp. tenha sido confirmada em diferentes espécies de serpentes do estado da Bahia, os possíveis efeitos dos esporocistos excretados por esses animais em seus hospedeiros intermediários ainda permanecem desconhecidos.

Palavras-chave: coccídios; répteis; hospedeiro definitivo; excreção; isolamento.